

ADMINISTRAÇÃO QUE TRANSFORMA O PAÍS

O diferencial estratégico que vem do topo

Na contramão de pesquisa nacional que revela falta de repertório em IA de 82% dos conselhos administrativos, empresas do DF demonstram que liderança que prioriza inovação é ponto de partida para retorno real

» PATRICK SELVATTI

Enquanto a inteligência artificial avança a passos largos, a verdadeira revolução no ambiente empresarial brasileiro esbarra em um obstáculo invisível nas instâncias de governança: o abismo entre a velocidade da tecnologia e a maturidade estratégica dos conselhos de administração. Mas na Pré-Moldados Brasil, localizada em Ceilândia, no Distrito Federal, a transformação digital encontrou espaço para potencializar a operação antes mesmo de o tema virar pauta nos grandes fóruns corporativos. Sócio-diretor da empresa familiar fundada há mais de cinco décadas e hoje gerida pela terceira geração, Marcelo Silva Leite, de 38 anos, criou um sistema que mapeou, em 2024, que as perdas da fábrica giravam em torno de 7% de um consumo diário de 120 toneladas de concreto (cerca de 8,4 toneladas perdidas) e, em junho de 2026, esse índice despencou para 2,5% (equivalente a três toneladas), gerando uma economia de R\$ 1.800 por dia em desperdício evitado.

A inspiração nasceu de uma viagem à China, onde Marcelo conheceu projetos de aplicação de IA no setor. “Um dos braços desse projeto no instituto de pesquisa chinês era, na saída do concreto, uma câmera filmando para verificar se o produto acabado estava bom ou ruim”, relata o gestor, destacando que a ideia ganhou força após uma provocação da assessoria de Inovação e Desenvolvimento Tecnológico da Federação das Indústrias do Distrito Federal (Fibra) sobre o volume de refugo e desperdício. Engenheiro civil e de produção com pós-graduação

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Sócio da Pré-moldados Brasil, Marcelo Leite fundou uma startup para reduzir desperdício de insumos, garantindo uma economia diária de R\$ 1.800

em ciência de dados, o empresário decidiu que era hora de agir. Foi assim que nasceu a *Tandera* — nome inspirado no místico “olho de *Thundercats* que tudo podia ver.” Utilizando uma câmera comum ligada à internet e conectada a um servidor em nuvem hospedado no Google, o sistema valida a qualidade do produto acabado

diretamente na saída da esteira.

A diferença decisiva ocorreu no topo: a ideia e o orçamento foram apresentados ao conselho de administração da empresa familiar, e o risco foi aceito. Com o apoio da consultoria do programa Brasil Mais Produtivo, o resultado prático dessa aprovação estratégica foi drástico e o que começou

como uma solução interna para a fábrica de médio porte — que, hoje, conta com 225 funcionários, sendo 129 na linha de produção — expandiu-se para além dos muros da empresa.

A Tandera transformou-se em uma startup que, hoje, presta serviços para outras 13 empresas na capital federal. Para o fundador, a

escolha de comercializar a tecnologia teve um propósito estratégico maior do que apenas garantir exclusividade interna. “Em vez de tornar isso um diferencial competitivo, optou-se por transformar em um produto para o mercado; o maior motivo foi subir a régua do mercado. Como são poucas empresas na região com essa